

Brasil, nas últimas semanas, foi significativa.

A mudança de humor se traduz na queda da percepção de risco de calote do governo brasileiro.

Nas últimas três semanas, o instrumento que mede esse temor —chamado CDS (uma espécie de seguro contra calotes)— recuou 100 pontos, para 391 pontos. O risco brasileiro está próximo ao de países com igual classificação pelas agências de risco.

Nesse período, a crise po-

insper e ex-banqueiro. A queda da percepção de risco —impulsionada por apostas na saída da presidente Dilma— beneficiou ironicamente até o governo, que, na quinta-feira (10), captou, pela primeira vez desde 2014, dinheiro no exterior.

Mas não são só expectativas sobre a política que explicam a atual busca por Brasil.

O ajuste nas contas externas tem sido mais intenso e rápido do que o esperado. Isso tem levado a apostas de

#### COMMODITIES

A recente mudança de sinal em relação ao Brasil é também explicada pelo anúncio da China de que vai expandir projetos de infraestrutura, o que ajuda os preços de commodities como o minério de ferro e o petróleo.

Isso aumentou o interesse por países emergentes de forma geral, mas o Brasil lidera.

O índice da Bloomberg que compara o valor de mercado

da R\$ 4. Já a Bolsa brasileira só sobe menos apenas do que a peruana no ano (14,3% e 15,8%, respectivamente).

Apesar do otimismo recente, gestores e analistas ressaltam que a volatilidade nos preços de ativos brasileiros deve permanecer alta porque o cenário político ainda é incerto e a economia deve permanecer muito fraca.

O JPMorgan diz em relatório, por exemplo, que, no médio prazo, o real deve voltar a se depreciar. (EF E MC)

depois de um começo de ano difícil para as principais Bolsas mundiais.

A crise política é um catalisador da valorização recente, que não deve persistir.

“O mercado inteiro está operando com notícias de curtíssimo prazo”, afirma Roberto Indech, analista da Rico Corretora.

Para ele, se a presidente Dilma deixar o governo, a Bolsa pode voltar para patamar próximo do final de

próximos três anos, ou 50% no total. Para compensar o risco de ir à Bolsa, o investidor precisa de um retorno maior. Visando um ganho de 100% em ações, o Ibovespa teria de ir a 100 mil pontos em três anos, compara.

Já Juliana Ianhsz, professora de finanças da graduação do Insper, sugere a Bolsa para quem tem sangue-frio. “É momento para o pequeno investidor ganhar, mas é uma aposta no risco.”

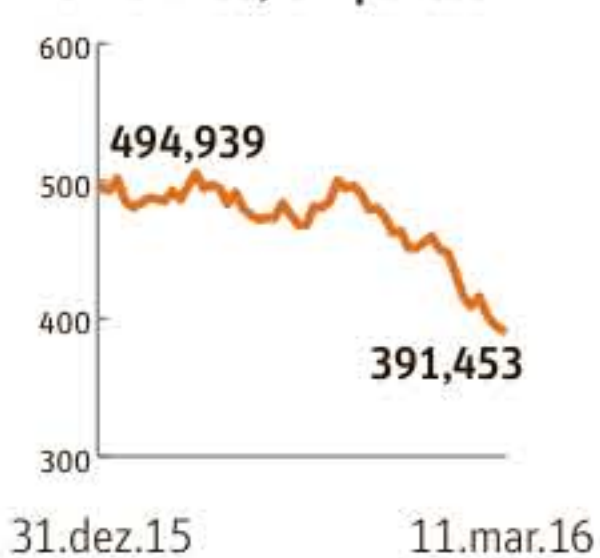
#### SEM CALOTE

Em uma semana, houve o maior ingresso de recursos na Bolsa desde janeiro de 2012

Entrada de investimentos em ações na Bovespa, em US\$ milhões



CDS com vencimento em 5 anos, em pontos\*



\*CDS é um seguro contra o calote de um país, cuja cotação é negociada no mercado internacional. O contrato mais negociado tem prazo de cinco anos. Quanto maior a pontuação, maior o risco. Fontes: IIF e Bloomberg

R\$ 4,14

foi o recorde, em valores nominais, do dólar desde a criação do Plano Real, em 21 de janeiro

-8,9%

foi a baixa do dólar em março na comparação com o real

8,9%

foi o recuo da taxa de juros de longo prazo dos títulos públicos brasileiros que vence em 2021, o que indica que a Selic pode cair

16%

foi a valorização do Ibovespa em março

## Alta mostra potencial do país, diz banqueiro

Daniilo Verpa - 21.set.2015/Folhapress

JOANA CUNHA  
DE SÃO PAULO

É quase unanimidade no mundo dos negócios que o governo Dilma não concluirá o mandato, afirma à **Folha** Ricardo Lacerda, sócio-fundador do BR Partners Banco de Investimento. Para ele, que já declarou ter votado em Dilma Rousseff no segundo turno da eleição de 2014, a presidente explodiu as pontes com o setor privado.

★

**Folha - Como os problemas do PT e de Lula pesam sobre os negócios?**

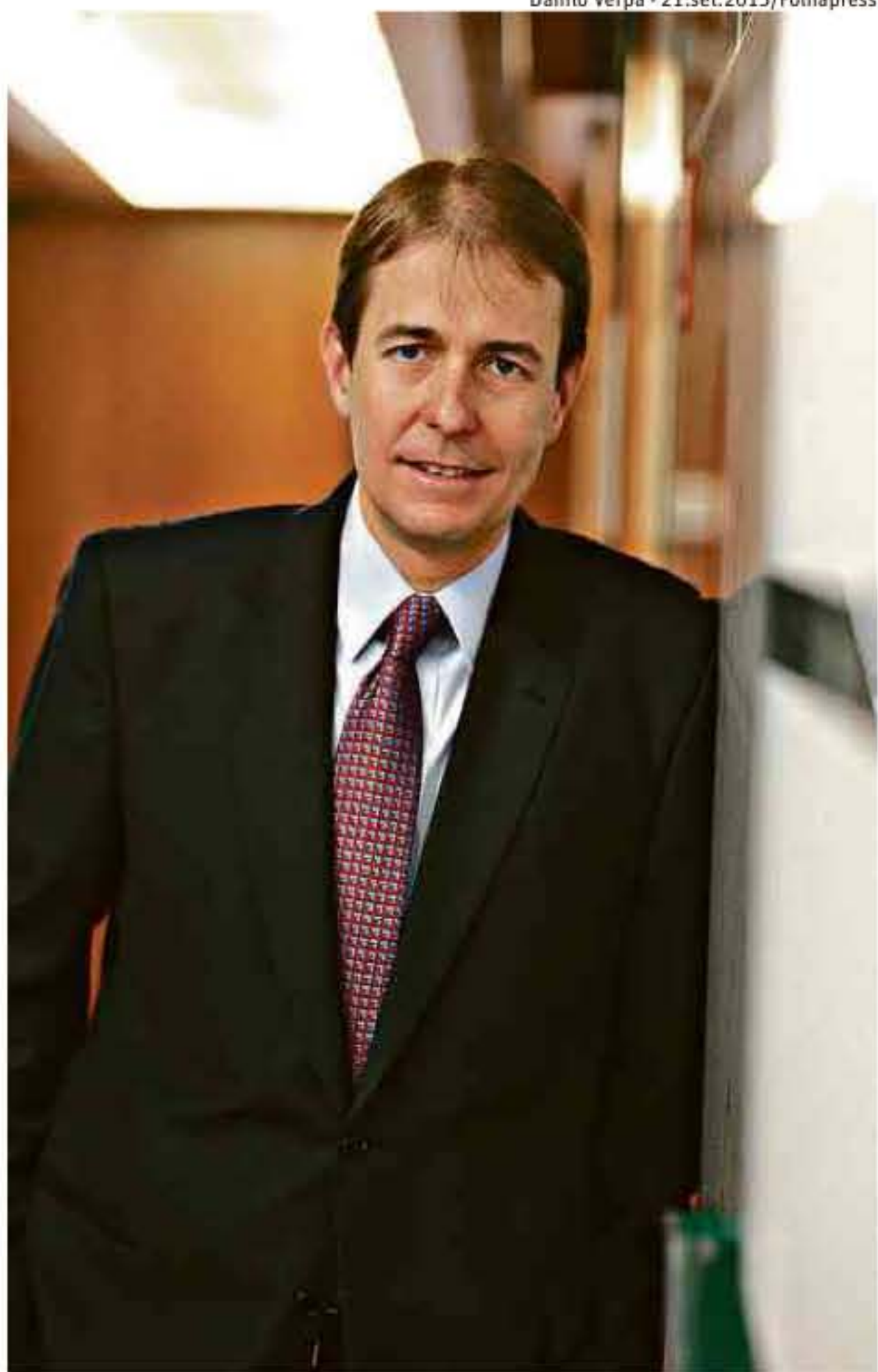
**Ricardo Lacerda** - Apesar de o caminho ainda ser longo, parece cada vez mais claro que o desfecho da crise política se dará com a troca de governo.

Isso já leva o mercado a enxergar possibilidade de melhora antes de 2018. A presidente se colocou em posição tão frágil que hoje o otimismo do mercado é diretamente proporcional à probabilidade de queda do seu governo. Ainda há muito interesse pelo Brasil por parte do investidor estrangeiro. A magnitude desse rali mostra o potencial de recuperação dos mercados em caso de superação da crise política.

**O empresariado trabalha com cenário de troca de governo?**

Já é quase uma unanimidade no mundo dos negócios que esse governo não chegará ao fim do seu mandato. Mas ainda há muita incerteza sobre o que pode acontecer: impeachment, novas eleições, presidente eleito pelo Congresso. Do ponto de vista do mercado, o ideal seria um governo de transição, envolvendo um amplo pacto político para a aprovação de reformas estruturais e estabilização da economia.

**Impeachment poderia ser vis-**



Ricardo Lacerda, do BR Partners Banco de Investimento

**to como quebra institucional?** É evidente que tudo tem que ser feito com fundamento para não macular o processo institucional. Diferentemente de outros emergentes, o Brasil tem instituições muito

“Do ponto de vista do mercado, o ideal seria governo de transição, envolvendo um pacto político para aprovação de reformas

sólidas. Aqui, o Judiciário, a imprensa, o Congresso e a política funcionam. Os investidores estrangeiros reconhecem e valorizam isso.

**Um novo governo atrairia um nome de peso à Fazenda?**

O ministro Nelson Barbosa tem acertado no discurso e nas propostas, principalmente na reforma da Previdência. Mas nada que vem deste governo encontra eco no setor privado. A presidente explodiu todas as pontes. Um novo governo deverá buscar um nome de credibilidade, comprometido com uma política fiscal séria.

## Brasil precisa de projeto, afirma advogado

Karime Xavier/Folhapress

DE SÃO PAULO

José Eduardo Carneiro Queiroz, sócio-diretor do escritório de advocacia Mattos Filho (um dos maiores do país), o Brasil deve começar a pensar em um projeto mínimo de futuro. (JC)

★

**Folha - Como o senhor vê os protestos?**

**José Eduardo Carneiro Queiroz** - Com normalidade, especialmente no momento que estamos vivendo.

Cada grupo vai se manifestar e a partir disso surgirão indicações sobre qual é o caminho na ótica da população. Mesmo numa fase posterior, após definido um projeto de futuro para o país, poderemos continuar a conviver com manifestações. Elas dão legitimidade ao processo democrático.

Veja o que está ocorrendo na França por causa da proposta de reforma da legislação trabalhista, sobre a qual após muito debate parece haver certa concordância. Ela implicará a mudança de direitos e de expectativas e está havendo grandes manifestações. Para caminhar na agenda de construção, teremos de fazer mudanças que suscitarão debates e, provavelmente, manifestações.

Isso mostra que as pessoas querem ser ouvidas.

**Os empresários já começaram a pensar o país além da crise?**

O Brasil tem condições de ser relevante no cenário mundial: mercado consumidor grande, empresas organizadas e percepção de oportunidade de investimento.

Mas temos de construir um acordo sobre o que queremos para o país no médio e longo prazos e como chegar lá.

Para podermos aproveitar nosso potencial, precisaremos construir um projeto mínimo sobre como e para onde



José Eduardo Queiroz, sócio-diretor do Mattos Filho

caminharemos. Para conseguirmos fazer os ajustes necessários e voltarmos a uma espiral de desenvolvimento, será necessária a participação de lideranças de todos os segmentos da sociedade.

“Para fazermos os ajustes necessários e voltarmos ao desenvolvimento, será necessária a participação de toda a sociedade

**Há líderes no setor privado que podem contribuir?**

Não tenho dúvida. Em muitos momentos da nossa história, tivemos contribuição de pessoas do setor privado na formulação de soluções. É uma contribuição saudável, que pode levar experiências da iniciativa privada para o setor público.

Temos empresários e pessoas da iniciativa privada, mas também há outros grupos com contribuições que podem ser relevantes.

Nas universidades há muita gente que se dedica a estudar políticas públicas e gestão do Estado.